

*Escravidão e decadência nos Estados Unidos e no Império do Brasil: Torres Homem e seu diálogo com Alexis de Tocqueville**

MARCELO DE MELLO RANGEL**
Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Discutimos o problema da escravidão segundo Torres Homem. Para o autor, a escravidão é uma instituição que provoca a decadência e a ruína, necessária, dos povos que a adotam. Analisaremos, para tanto, o estudo que o autor faz do Norte e do Sul dos Estados Unidos através de sua leitura da *Democracia na América*. Como veremos, o Norte dos Estados Unidos confirmam a tese de que o trabalho livre produz progresso moral e material e, por outro lado, o trabalho escravo, próprio ao Sul, determinaria a decadência dos “povos” que o adotam. Por fim, perceberemos o pessimismo de Torres Homem em relação ao próprio destino do Império do Brasil, e isto em função da radicalização da escravidão.

Palavras-chave: Torres Homem; Escravidão; Estados Unidos e Império do Brasil.

Abstract: We discuss the problem of Slavery second Torres Homem. For the author, slavery is an institution that causes decay and ruin, needed, people who adopt it. We will look to both the study that the author makes the North and South of the United States through his careful reading of *Democracy in America*. As we shall see, the northern United States confirm the thesis that free labor produces moral and material progress and, on the other hand, slave labor, the South itself, determine the decay of the people who adopt it. Finally, we will

* Artigo submetido à avaliação em 22 de outubro de 2012 e aprovado para publicação em 07 de maio de 2013.

** Professor Doutor do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, beneficiário de auxílio financeiro da CAPES – Brasil. Agradeço a Fábio Murucci pelo diálogo e pela amizade. Contato: mmellorangel@yahoo.com.br.

see the pessimism of Torres Homem with the fate of the Empire of Brazil, and this according to the radicalization of slavery.

Keywords: Torres Homem; Slavery; United States and Empire of Brazil.

Introdução

Analisamos o texto “Considerações econômicas sobre a escravatura”, escrito por Francisco de Sales Torres Homem, publicado em 1836 no número 1, Tomo primeiro, da Revista Niterói.

Torres Homem, que viria a ocupar as funções de Ministro da Fazenda (1858) e de Senador do Império (1870), redige seu texto na França, para aonde viaja em 1836 e lá permanece graças ao auxílio financeiro do Império, ocupando a função de adido junto à delegação brasileira em Paris. É a partir das aulas que assiste na Sorbonne e dos diálogos que realiza no Instituto Histórico de Paris, entre os anos de 1833 e 1836, junto a outros brasileiros como Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-alegre e Pereira da Silva, que encontra subsídios para a escritura de suas *Considerações*. Aliás, é importante anotar que Torres Homem fora um dos redatores da prestigiosa Revista Niterói, compreendida como a primeira manifestação do Romantismo no Brasil, publicada ao longo do segundo semestre de 1836, acompanhado de Gonçalves de Magalhães e de Araújo Porto-alegre.

Acompanhado de Gonçalves de Magalhães, de Araújo Porto-alegre e de Pereira da Silva, Torres Homem compõe o que podemos chamar de primeira geração Romântica, evidenciando em seus escritos a determinação específica desse primeiro momento do Romantismo, a saber, o “clima”, ou ainda a atmosfera da melancolia ou se preferirmos do pessimismo e da desesperança no que se refere ao progresso moral e material do Império do Brasil¹. Segundo Torres Homem, a história da humanidade obedeceria a um

¹ Clima histórico significa, aqui, uma espécie de âmbito sentimental específico no interior de um “tempo histórico”. Nele, os homens tendem a repercutir determinados sentimentos. Para um aprofundamento na discussão acerca do clima histórico, ver: GUMBRECHT, 2008, GUMBRECHT, 2010 e ARAUJO, 2011, p. 281-303.

movimento de realização progressiva dos sentidos – trabalho livre, a mecanização e, ao fim, a industrialização. Dizendo ainda em outras palavras, desde a “Antiguidade” os “povos” que alcançaram progresso moral e material, como o Norte dos Estados Unidos, foram os mesmos que, necessariamente, se dedicaram à concretização desses sentidos fundamentais.

Por outro lado, os “povos” que insistiram em adotar a escravidão e investiram numa relação imediata com a natureza, sem a mediação de máquinas, experimentaram a decadência, como a Grécia, Roma, o Egito e, também, o Império do Brasil. Como veremos, a escravidão provocaria a radicalização de sentidos como a “insolência”, o desprezo pelo trabalho (“preguiça”) e o “egoísmo”, o trabalho escravo tornaria os homens livres e proprietários de escravos lascivos e altivos, dedicados, por fim, à realização de seus desejos idiossincráticos. Tornavam-se pequenos déspotas, podemos dizer, e isto porque tinham quem trabalhasse e produzisse todo o necessário para seu sustento e luxo, afirma Torres Homem².

Acompanharemos a análise que Torres Homem faz do Norte e do Sul dos Estados Unidos, e isto a partir da leitura de Tocqueville, de sua “Democracia na América”, texto publicado em 1834. Torres Homem

² Como afirma Torres Homem em um artigo um pouco posterior, de 1841: “Se por esse lado (o econômico) a continuação forçosa do tráfico é uma praga que se lançou sobre a nossa terra abençoada, e que há retardado a verdadeira posteridade, aviltando e entorpecendo aí a indústria, sem a qual não há progresso nem ventura social, que diremos dos seus efeitos pelo que toca ao moral! Quem não vê que certos hábitos, contraídos por muitos de nossos compatriotas, são oriundos da escravidão! Desde a infância temos quem nos sirva em todos os menores movimentos da vida; desdenhamos o trabalho como só próprio da condição servil, e assim ganhamos defeitos que nos são funestíssimos na carreira da existência.

A escravidão leva a corrupção e o vício até o centro das famílias, quer seja por exemplos reiterados da mais grosseira imoralidade, quer pela depravação que infiltra na alma de tantos meninos confiados aos desvelos de estúpidos escravos, só pedagogos da infâmia e preceptores do crime. Que exemplo recebem eles dos seus primeiros aios, dos companheiros de seus brincos, dos condutores de sua infância! E será livre, moral na carreira pública, o homem que desde o berço se acostumou a ser déspota e tirano no sacrário da existência doméstica? Que facilidade aberta para todas as espécies de desordens morais! E, todavia, continua-se na apatia a respeito de um objeto que, mais que qualquer outro, devia interessar-nos, como é o da colonização europeia!” (TORRES HOMEM, 1941, p. 37-38).

acompanha a descrição que Tocqueville faz do rio Ohio e dos dois estados que se formam em suas margens, o Ohio e o Kentucky. Segundo Torres Homem, a partir de Tocqueville, os povos de ambos os Estados eram compostos por ingleses, refugiados políticos e religiosos, em sua maioria, que corroboravam as mesmas determinações culturais, e mais, por encontrarem-se próximos, dividindo as margens do rio Ohio, estavam expostos às mesmas condições geográficas e climáticas. A conclusão do autor, junto a Tocqueville, é a de que a escravidão é uma decisão arbitrária e negativa, ou seja, tomada pelo homem sem nenhuma necessidade de base imposta por determinações geográficas e climáticas.

Enfim, como veremos, a reflexão de Torres Homem é devedora das análises que Tocqueville realiza dos Estados Unidos em sua “Democracia na América”, compreensão e leitura que são orientadas pela convicção e necessidade de demonstrar que a escravidão teria se radicalizado no Império do Brasil de tal modo, que os homens e mulheres da *boa sociedade* teriam se tornado “insolentes” e “egoístas”, se afastando, assim, dos sentidos – trabalho livre e indústria³. De acordo com o Romântico ou bem o Império abolia a escravatura, como fizera o Norte dos Estados Unidos, ou decairia como Roma e Grécia e o Sul dos Estados Unidos. Aliás, de acordo com o redator da “Niterói”, a abolição imediata da escravatura não seria mais suficiente à assunção do progresso moral e material no Sul dos Estados Unidos e, talvez, não chegasse a tempo de promover o progresso do Império do Brasil, porque seus homens e mulheres já teriam sido determinados, decisivamente, pela “insolência”, lassidão e pelo “egoísmo”, sentimentos que tornariam improvável a sintonia do Império com os sentidos fundamentais à história e ao progresso da humanidade – trabalho livre, a mecanização e a industrialização.

³ A boa sociedade significa, conforme Mattos “[...] aqueles que eram livres, proprietários de escravos e representados como brancos”. Cf.: MATTOS, 2010, p. 117.

Os Estados Unidos e os modos de ser do Norte e do Sul

Torres Homem compreende que a escravidão e o modo de ser escravocrata provocariam, necessariamente, a decadência social, e isto independente das coordenadas espaços-temporais, hipótese que o orienta em sua leitura da história de Roma e do Egito Antigos, bem como de sociedades contemporâneas. Não nos deteremos, aqui, na descrição que Torres Homem realiza das histórias de Roma e do Egito, guardemos, apenas, a compreensão de que apesar de suas especificidades, ambas teriam decaído em razão da adoção da escravidão. Tematizemos, assim, a análise comparativa que o Romântico faz entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos e o Império do Brasil, e isto com o intuito de reconstituir sua hipótese fundamental, a saber, a de que a história comprova que a escravidão provoca, necessariamente, a decadência dos povos, entre eles os do Sul dos Estados Unidos e, também, os do Império do Brasil⁴. Como podemos ler:

Quase insensível é a diferença das influências gerais, que hão operado sobre o desenvolvimento da civilização do Meio-Dia e do Norte dos Estados Unidos. A mesma origem, a mesma história política e religiosa, os mesmos destinos sociais, a mesma liberdade nas instituições e nos governos, tem o habitante de um e outro lado da União. Entretanto todos os viajantes, que visitaram os Estados-Unidos concordam em assinalar uma imensa distância não só entre a capacidade industrial do homem do Sul e do homem do Norte, como também entre o grau de produção e de riqueza dos Estados colocados nestas duas diversas latitudes (TORRES HOMEM, 1978, p. 52).

Torres Homem inicia seu artigo sublinhando que haveria, por um lado, uma coincidência exata em relação à origem e à procedência da população que habitara o Norte e o Sul dos Estados Unidos, os homens do Norte e do Sul descendiam de um mesmo “povo”, o inglês, o que significa

⁴ Sobre a análise que Torres Homem faz das histórias da Grécia, de Roma, do Egito e de outros “povos”, ver o terceiro capítulo de RANGEL, 2011.

dizer que os Estados Unidos foram colonizados por homens e mulheres que possuíam os mesmos costumes, saberes e convicções políticas e religiosas. No entanto, apesar da origem coincidente, os Estados Unidos dividia-se em duas partes, quase dois povos distintos, o Norte rico e industrializado e o Sul pobre e decadente. Em verdade, o autor está colocando uma questão, ele pergunta pela razão desta diferenciação radical, ou ainda, por que motivo o Sul dos Estados Unidos teria se tornado decadente. E para dificultar ainda mais o esboço de uma possível resposta, ele assinala que as razões climáticas não são suficientes, ou melhor, não são adequadas a uma resposta convincente, senão vejamos:

O clima do sul é mais salubre, o seu solo mais fértil e rico que o do Norte; apesar porém destas vantagens naturais o Sul oferece demarcada inferioridade em prosperidade e opulência comparativamente ao Norte. ‘As leis das tarifas, diziam os habitantes de Carolina em 1812, enriquecem o Norte e arruinam o Sul, porque de outro modo como poder-se-á conceber que o Norte com seu clima inospitaleiro e seu solo árido aumente em riqueza e potência, ao mesmo tempo, que o Sul, que forma o jardim da América, caia rapidamente em decadência’. Atraso material do sul e rápidos progressos do Norte, eis o que há de verdadeiro nos queixumes da representação de Carolina: a explicação tirada das tarifas, segundo a linha de suas ideias, ou antes, dos seus mal entendidos interesses é uma pura quimera: o verdadeiro motivo, a causa real daquele resultado está em outra parte mui diversa: procurai-a na escravatura e nas suas funestas consequências (TORRES HOMEM, 1978, p. 52-53).

Segundo Torres Homem, o clima e o solo do Sul seriam mais favoráveis do que os do Norte em relação à prática do trabalho junto ao campo e à produção de riquezas a partir da agricultura e da pecuária, no entanto, o que se percebia era que os Estados do Norte eram os mais ricos e os do Sul, como a Carolina, se encontravam em decadência e reclamavam de não poder pagar as tarifas cobradas pelo Norte à exportação de seus

produtos. Torres Homem explica, então, que o modo de ser escravocrata causava a decadência da agricultura e do comércio no Sul, bem como inviabilizara a produção manufatureira, a despeito do clima e do solo hospitaleiros e “férteis”. E, por fim, a reclamação de Estados como a Carolina, exigindo menores tarifas para a exportação de seus produtos agrícolas para o Norte, seria uma espécie de índice que evidenciava a decadência de uma região que detinha condições naturais perfeitas à “marcha da indústria”, e que havia decidido pela escravidão. A escravatura era a razão da perversão anunciada pelo autor, ela seria um modo de ser capaz de transformar qualquer cultura, como as culturas romana e holandesa, e de subverter a própria natureza.

Em última instância, a descrição que fizera de Roma retorna e torna-se válida, também, para a explicação do que considera ser a decadência do Sul dos Estados Unidos. Em traços gerais, a agricultura do Sul, mesmo que contasse com clima e solo favoráveis, estava entregue a homens explorados, que reconheciam a condição alienada de seu trabalho e que, portanto, não produziam com alegria e dedicação, e mais, tinham de lidar com a natureza de forma imediata, sem o auxílio de máquinas. A produção ia diminuindo e os preços aumentavam o que causava a “pauperização” de todos, daqueles que iam perdendo o poder de compra e daqueles que viviam da produção e da venda. E, por fim, fundava-se e compartilhava-se a compreensão de que o trabalho no campo e o comércio eram atividades indignas, próprias aos escravos, o que afastava os cidadãos livres das atividades produtivas e auxiliava no aprofundamento da crise econômica⁵. Acompanhemos a reflexão de Torres Homem:

Este oposto estado de coisas surtiu os efeitos que necessariamente devia surtir. Primeiramente, como o

⁵ Ainda segundo Torres Homem: “Quão cedo os Estados do Norte purificaram o solo da lepra da escravatura; os Estados do Sul pelo contrário abriram um vasto mercado aos escravos exportados do Norte e da África a ponto tal que em Geórgia, Virgínia, Carolina, Lousiana e outros países do Sul existem hoje 55 escravos sobre cada centena de habitantes”. (TORRES HOMEM, 1978, p. 53)

Romano, como o Holandês do Cabo da Boa-Esperança, o Americano do Sul dos Estados-Unidos desdenha igualmente as profissões industriais e as abandona aos braços e cuidados dos escravos africanos; mas por compensação desdobra uma extraordinária avidez dos públicos empregos; desprezando toda a ação sobre a natureza material, ele só forceja por empolgar cargos que o habilitem a influir sobre os outros homens (TORRES HOMEM, 1978, p. 53).

O que está em questão aqui é a “verificação” de que o destino das sociedades escravocratas é sempre o mesmo, a não ser que sejam capazes de coibir o tráfico e de abolir a escravidão muito rapidamente, como fizeram os Estados do Norte, livrando-se “cedo da lepra da escravatura”. Mas não era esse o caso do Sul dos Estados Unidos e posto que o modo de ser escravocrata surte os efeitos que “necessariamente deve surtir”, o destino de Roma e dos holandeses que ocuparam o Cabo da Boa-Esperança voltara a se concretizar de forma idêntica no Sul dos Estados Unidos. Como já adiantamos linhas acima, o trabalho agrícola fora abandonado ao “braço escravo” que, por sua vez, executava suas tarefas com rancor e sem o estímulo necessário à provocação de colheitas extraordinárias, o contrário, aliás. Os “cidadãos” do Sul aprenderam a odiar as atividades agrícolas, comerciais e manufatureiras, preferindo dedicar-se, mais uma vez e a exemplo do que ocorrera no Império Romano e nas demais culturas escravocratas, à vida pública, o que significa dizer adquirir cargos ideais à conquista do poder necessário à manipulação dos homens e à realização de suas inclinações, cargos que “habilitem a influir sobre os outros homens”. Torres Homem continua procurando compreender o que classifica como “decadência” do Sul dos Estados Unidos e escreve:

Como imediata consequência da vilania das ocupações úteis e do preguiçoso orgulho dos habitantes, os obreiros livres desapareceram em massa dos estados possuidores de escravos: a emigração dos primeiros está na razão da importação dos segundos. Eles afluem para o grêmio dos

infatigáveis Estados do Norte, onde a indústria longe de ser menosprezada é precisamente a profissão de galarim. A mor parte das vezes os habitantes do Sul nasce empregado público, ou para nada serve (TORRES HOMEM, 1978, p. 53-54).

Como podemos ler, os “obreiros livres” fugiram do Sul para o Norte, movimento próximo ao êxodo rural que ocorrera em Roma. No interior de uma cultura orientada pela utilização da mão de obra escrava africana no campo, e mais, determinada pela compreensão de que a agricultura, o comércio e a manufatura eram atividades impróprias ao cidadão, não sobrara espaço para os “obreiros livres”, para os camponeses. Eles teriam ido engrossar a agricultura, a pecuária, o comércio e, especialmente as manufaturas do Norte. Se o Sul tinha clima e solo favoráveis, não teria sabido lidar com tais vantagens, e isto porque adotara a escravidão, tendo, ao fim, devastado o próprio solo, o Norte, pelo contrário, lutara contra o clima e contra a “aridez” do solo, lutara contra os índios, a partir de uma ética do trabalho, transformando a natureza através do esforço, da dedicação e da inteligência. Acompanhemos uma espécie de ode que Torres Homem tece aos americanos do Norte:

O Americano do Norte, que escravos não possui, nasce agricultor, manufatureiro, negociante, artista; ele é quem leva a todos os pontos do globo as riquezas nacionais e traz as do globo ao ceio da confederação; ele é quem afronta a flecha do Índio e os horrores do deserto; são as povoações puras de escravos de Rhode-Island, Massachusetts, Connecticut, Pensilvânia, New-York, Ohio, etc., que hão empreendido e levado a efeito a assombrosa quantidade de obras hidráulicas, estradas, máquinas de vapor, bancos, fábricas, instituições úteis de toda a espécie com fervor tal, que nestes últimos anos vai disparando em um industrialismo febril: são elas, que marcham em coluna contra a Floresta, sua natural inimiga, que improvisam vilas e cidades como que por encanto e que agora mesmo, como se já o espaço lhe faltasse, estão avançando sobre as montanhas Pedregosas

(*Rock Mountains*) e apresentando o aspecto de um dilúvio de indústria e de civilização, que sobe sem parar e levanta incessantemente a mão do Criador (TORRES HOMEM, 1978, p. 54).

Dialogando com Tocqueville

Continuando sua análise dos Estados Unidos, buscando, como já mencionamos, “verificar”, por um lado, o destino decadente e necessário das sociedades escravocratas e, por outro lado, o progresso material alcançado, também incondicionalmente, pelos “povos” que acolhem as premissas da história universal - do sentido “industrial”, Torres Homem se aproxima de Alexis de Tocqueville, de sua *Democracia na América*, em 1836, apenas dois anos após ela ter sido publicada, em 1834 na França. Torres Homem analisa a obra de Tocqueville ao longo de duas páginas, estudo que acompanharemos de perto, e isto porque a leitura de Tocqueville fora fundamental à análise do Romântico sobre os Estados Unidos, enriquecendo, em última instância, a própria “verificação” de que todas as sociedades escravocratas, inclusive aquelas situadas ao Sul dos Estados Unidos, estariam destinadas à decadência. Torres Homem destaca as seguintes palavras do autor de *Democracia na América*:

A servidão tão cruel para o escravo é ainda mais funesta ao senhor. Esta verdade recebe a última confirmação, quando se chega às margens do Ohio. O Rio, que os índios chamam por excelência o Ohio, ou Belo Rio, banha com suas águas um dos mais magníficos vales, que o homem tem habitado. Sobre as duas ribas do Ohio se espraíam terrenos ondedados, onde o solo quotidianamente oferece aos lavradores inesgotáveis tesouros: em ambas o ar é salubre e temperado o clima: cada uma delas forma a fronteira limítrofe de um vasto Estado: aquele que à esquerda segue as mil sinuosidades que em seu curso vai descrevendo o Ohio chama-se Kentucky; o outro, que lhe demora a direita, tomou o

nome do Rio. Os dois Estados somente em um ponto se discriminam: Kentucky admitiu escravos; Ohio os repeliu de seu território (*apud* TORRES HOMEM, 1978, p. 55).

Torres Homem, junto a Tocqueville, amplia seu conjunto de exemplos fundamentais à “verificação” de que as sociedades escravocratas são, necessariamente, fadadas à decadência. Ele se dedica à observação e à descrição de um espaço determinado por um mesmo rio, pelo mesmíssimo clima e solo em tudo favoráveis à prática da agricultura e da pecuária, bases fundamentais à riqueza de qualquer “povo”. Aí, no vale do Ohio, Torres Homem, junto a Tocqueville, trata de evidenciar, definitivamente, que a escravidão não nascera a partir de algum tipo de determinação natural decisiva, mas que, ao contrário, ela mesma teria instaurado uma diferenciação cultural e até natural entre as duas margens do Ohio⁶. Dizendo ainda em outras palavras, parece que o autor quer evitar questões como: e se justo o clima próprio ao Sul derramasse forte influência sobre o homem, tornando-o adequado à escravidão? Ou ainda, e se o próprio clima do Sul, perfeito, não fosse impróprio ao trabalho livre?

Ou seja, Torres Homem se apressa a responder a essas questões que já se encontravam disponíveis à época, que acabariam, em última instância, por condenar a sua filosofia da história fundada na compreensão de que a natureza provocaria no homem o desejo de trabalhar junto a ela, por mais que, aqui e ali, ele não concretizasse esta determinação em virtude de seu “orgulho” e de sua “fraqueza”. O que está posto aqui é uma espécie de investigação que cuida de evidenciar a escravidão como uma determinação arbitrária, decidida por homens “orgulhosos” e “fracos” orientados pelo

⁶ Burlamaque, interlocutor importante de Torres Homem no que diz respeito ao tema da escravidão, anota uma compreensão semelhante: “Não se pense, repetimos, que o clima influa de nenhuma sorte sobre os produtos e a indústria. Bastaria citar em confirmação desta verdade a Índia, cujo clima é ainda mais quente que o das nossas províncias do Norte e infinitamente mais do que as do Sul. Apesar do despotismo civil e religioso que pesa sobre os habitantes desta parte do Globo, apesar da péssima divisão da população em castas, todo o mundo sabe que esta região é uma das mais ricas do Globo” (BURLAMAQUE, 1988, p. 165).

“egoísmo” e pelo “ócio”, e não como uma tendência natural ou mesmo como uma instituição adequada aos trópicos, e isto porque nos trópicos a “beleza do clima” e os prazeres por ele oferecidos serviria, ainda, de “compensação” à escravidão, como afirma Madame de Staël e Voltaire, uma compreensão que era comum entre o final do século XVIII e início do XIX, vale ressaltar⁷. Aliás, essa argumentação de Staël teria sido traduzida por boa parte dos proprietários de escravos no Império do Brasil, e Torres Homem dedicou-se a negá-la, senão vejamos:

D’esta diversidade de situação dimanaram conseqüências diferentes para um e outro país. Idêntica ao do Sul dos Estados Unidos é a história industrial de Cuba, entretanto Porto Rico distingue-se por sua atividade, inteligência, industrialismo, e o que mais é, oferece cabal desmentido à opinião sustentada pelos proprietários de escravos que o

⁷ Segundo Madame de Staël: “Entretanto, era mais fácil amoldar os gregos à escravidão que os homens do norte. O amor pelas artes, a beleza do clima, todos os prazeres prodigalizados aos atenienses podiam lhes servir de compensação. A independência era a primeira e única felicidade dos povos setentrionais. Um certo orgulho da alma, um desapego à vida provocados quer pela aspereza do solo, quer pela tristeza do céu, devem tornar ali a escravidão insuportável [...]” (STAËL, 1987, p. 102). Voltaire, em seu verbete “igualdade”, escrito para o *Dicionário Filosófico*, afirma que a escravidão ou ainda, as relações de subserviência são, ao fim, próprias à humanidade, e anota ainda, em seu *Essai sur le moeurs*, e próximo a Staël, que essas relações tendem a ser suportadas com docilidade e passividade em regiões nas quais a natureza oferece aos “oprimidos” satisfação e alegrias suficientes.

Nesse sentido, Torres Homem ainda considera que: “Livres do laço metropolitano, os habitantes do Norte, como os do Sul, marcharam de companhia ao clarão da bela estrada, que se lhes levantou sobre o horizonte, para explorar o vasto continente em que nasceram com esta diferença porém, que os primeiros marcharam armados do machado e do martelo, entretanto que os segundos só tiveram o azorrague por instrumento de indústria. Certo que são as regiões do Sul o Jardim dos Estados Unidos, mas Carolina olvidava de meter em linha de conta, que são as árvores desse Jardim regadas com o suor do escravo, suor venenoso, que as impede de florescer, ao mesmo tempo que a terra do Norte, dado que com ela a natureza se mostrasse um tanto esquívosa, rende-se todavia aos esforços engenhosos e perseverantes do trabalhador livre, e lhe acode com os seus tesouros. É unicamente o trabalho esclarecido do homem, quem as riquezas cria, quem imprime valor aos objetos que o cercam; sem ele as mais favoráveis regiões do globo nenhuma vantagem e utilidade acareariam à existência da raça humana” (TORRES HOMEM, 1978, p. 74-5).

Sol dos trópicos inabilita o colono livre para os trabalhos da agricultura (TORRES HOMEM, 1978, p. 76).

Pois bem, no vale do Ohio a natureza era única, não havendo nenhuma especificidade climática em alguma das margens do rio capaz de provocar no homem as ideias e os costumes próprios ao modo de ser escravocrata. Ocorreria ali, no Estado do Kentucky, numa das margens do Ohio, uma decisão humana e arbitrária, determinada por dois outros sentimentos que também acozariam o homem, o “orgulho” e a “fraqueza” - a decisão pela instauração da escravidão.

O viajante que posto no meio do rio deixa-se levar da corrente até a embocadura no Mississipi, navega entre a liberdade e a servidão e por pouco que lance os olhos em derredor de si, ajuíza instantaneamente qual das duas coisas é a mais favorável à humanidade. No lado esquerdo divisa-se de quando em quando uma banda de escravos percorrendo com ar morno e descuidado terras quase desertas: a floresta primitiva reaparece a cada passo: dir-se-ia que a sociedade dorme: o homem parece engolfado na ociosidade e só a natureza oferece ali a imagem da atividade e da vida. Do lado direito pelo contrário levanta-se um confuso bulício, que proclama de longe a presença da indústria; ricas searas cobrem os campos; elegantes edifícios anunciam o gosto e desvelos do lavrador; de todas as partes a abundância se revela; o homem mostra-se contente; *ele trabalha* (*apud* TORRES HOMEM, 1978, p. 55-6).

Tocqueville mobiliza aqui algumas ideias caras a Torres Homem, fundamentais à sua economia política e à sua filosofia da história. Ele destaca que sem motivo necessário algum, ou seja, sem qualquer determinação que facilitasse ou dificultasse a assunção da escravidão, ou melhor, a partir do mesmo clima e das mesmas condições naturais, os homens decidiram por esta instituição. Desde então, desde a escravidão, a própria sociedade é que

ganhara outro aspecto e, com ela, a própria natureza ia se transformando, como já havíamos mencionado.

No lado escravocrata do Mississippi o ar deixava de ser “salubre”, e tornava-se “morno”, o que significa dizer que algo mudara na própria atmosfera de parte de um mesmo âmbito, que ela se tornava monótona, enfadonha, desanimadora. Aqueles que por ali passavam acabavam sendo tomados, de alguma forma, por esta atmosfera, sofriam de certa lassidão, de “descuido”, o âmbito que era único se dividia em dois graças à presença do escravo e, a partir de então, passava a influenciar decisivamente o trabalho humano. Aí, a partir da escravidão, a natureza fora transformada e não o contrário, ou melhor, Torres Homem anota que não é a partir da natureza, necessariamente, que a escravidão encontra espaço, mas que a escravidão mesma é tão radical que, além de transformar os homens, transfigura a própria natureza. Os campos “descuidados” vão se tornando desertos, ou seja, vai desaparecendo dali o homem e sua marca mais radical, o trabalho junto à natureza. Os campos se transformam, novamente, em “floresta”, “inimiga” do homem (Torres Homem, 1978, p. 54), ela vai tomando espaço e a sociedade se retrai e “dorme”. Em última instância, a natureza no Kentucky, estado escravista, vai ganhando do homem, impedindo-o de vir a ser aquilo mesmo que o determina enquanto tal, a saber, um trabalhador que vive de transformar racionalmente a natureza, com equilíbrio e modéstia, e isto de acordo com suas necessidades mais fundamentais.

Os homens livres que restam são determinados pela “ociosidade”, o que significa que se tornam preguiçosos e não realizam, por fim, o que a história reclama - transformar a natureza com trabalho e equilíbrio, a partir da razão. A natureza vai ganhando espaço, deslocando os homens, fragilizando-os, até destruí-los definitivamente. O que está em questão aí é a própria filosofia da história de Torres Homem, o que temos é algo assim: ou o homem se mobiliza e busca transformar a natureza através da razão, com o objetivo de garantir certa autonomia e de alcançar um progresso moral e material consistente, ou ele é esmagado pela natureza e cede lugar àqueles que, “industriosos”, concretizam o sentido mais fundamental da história. Entre o Ohio e o Kentucky, os mais atentos tinham a oportunidade de

observar a própria história se realizando. No lado escravocrata, o viajante só vê natureza, uma natureza que se desdobra a partir da lógica da imprevisibilidade “e só a natureza oferece ali a imagem da atividade e da vida”.

Do outro lado, porém, do lado que adotara a mão de obra livre, a paisagem é outra, a natureza não é floresta - o que significa imprevisibilidade. Ela é campo, “seara”, espaço no interior do qual os homens em “bulício” encontram-se agricultando e pastorando. Campo que significa, para Torres Homem, cultura, ou melhor, a própria natureza transformada pelo homem numa espécie de estância mais ou menos domesticada, a partir da qual ele se realiza e produz progresso moral e material, e isto de forma estrutural. Os campos são transformados em searas, e a história, o sentido “indústria”, se concretiza. Ali a atmosfera é outra, é a da alegria, a do “contentamento”, porque o homem vem a ser aquilo mesmo que o diferencia de tudo o mais que existe - um “trabalhador”, “ele trabalha”, ele transforma a natureza e vai conquistando autonomia e progresso moral e material, “abastança”, ele se realiza, ou ainda, concretiza o que a história e a sua própria natureza cobram⁸.

Enfim, os habitantes do Estado do Ohio, o lado não escravocrata, viveriam de forma adequada, de acordo com a natureza ou com a história, se preferirmos, “trabalhando”, sobrevivendo e progredindo, por um lado, e realizando-se, tornando-se satisfeitos e alegres por outro. As últimas palavras de Tocqueville citadas por Torres Homem anotam o exato oposto do que Madame de Staël e Voltaire escreveram e do que os proprietários de escravos afirmariam, a saber, que o clima e o solo favoráveis acabaram tornando os

⁸ Vale destacar a crítica de Torres Homem à filosofia grega, especialmente a Aristóteles. Se para Aristóteles e para a filosofia grega em geral, a marca distintiva do homem seria a de pensar, a de alcançar a felicidade através da reflexão, para Torres Homem o princípio de determinação do homem seria o labor, o trabalho compreendido como transformação da natureza em produtos capazes de fornecer ao homem a autonomia necessária ao seu asseguramento, ao progresso moral e material consistente. O que está em questão aqui é a própria insistência no único caminho possível ao homem para sobreviver, satisfazer-se e progredir - explorar a natureza com astúcia e comedimento. Ainda segundo Torres Homem: “A indústria fez sua aparição no mundo no dia e na hora em que o homem sentiu a primeira precisão, como elemento condicional de sua existência, a qual ele só poderia manter pondo-se a braços com a natureza externa” (TORRES HOMEM, 1978, p. 60).

homens e mulheres do estado do Ohio ainda mais diligentes e ambiciosos, ao invés de torná-los propensos ao ócio e de provocar no próprio escravo uma espécie de satisfação por, ao fim, trabalharem sob um sol e clima perfeitos.

O habitante de Ohio obrigado a viver à custa dos próprios esforços cifrou na posteridade material o fim principal da existência; e como o país que habita inesgotáveis recursos oferece à atividade e industrialismo, a sua paixão de adquirir riquezas ultrapassa as barreiras ordinárias da humana cobiça atormentado pelo desejo de adquirir fortuna, torna-se indiferentemente navegante, manufatureiro, lavrador, suportando com uniforme constância o afã destas diferentes ocupações. O Americano de Kentucky não só aborrece o trabalho, mas ainda as empresas, cujo sucesso do trabalho depende; e só ama com paixão a caça, a guerra, os jogos violentos [...]. Se quiséssemos dar mor extensão a este paralelo, facilmente provaríamos, que a grande diferença entre o Sul e o Norte da União tira exclusivamente origem da escravidão (*apud* TORRES HOMEM, 1978, p. 56-57).

Trabalho e economia no Norte e no Sul dos Estados Unidos

Torres Homem insiste em seu estudo dos Estados Unidos. Ele pretende, a partir daqui, desfazer o que considera um segundo equívoco, um engano, a compreensão de que os estados do Sul dos Estados Unidos eram ricos porque economizavam capital a custa do trabalho gratuito do escravo. Em realidade, anota que os estados do Sul não eram ricos propriamente, e isto porque já experimentavam uma decadência ulterior a um determinado momento de riqueza, e também porque a economia recolhida junto ao trabalho gratuito não superava os gastos que o proprietário e a sociedade acabavam contraindo. Como podemos ler:

Levando sobre os do Norte a vantagem do trabalho gratuito do obreiro, parece ao primeiro intuito que mais

baratos deveriam ser os seus produtos e maior a criação de riquezas. Entretanto o contrário acontece. Os Estados servidos por trabalhadores livres avultam a olhos vistos em prosperidade; os que consomem o serviço gratuito do escravo oferecem o espetáculo inverso, e isto contra a ordem aparente dos princípios. Jaz a agricultura do Sul no maior atraso; o uso da charrua é desconhecido da pluralidade dos Estados; a deterioração das terras pelos péssimos processos agrônômicos é um fato atestado pelos viajantes, que estudaram aquelas regiões (Torres Homem, 1978, p. 57).

O autor trata de desfazer algumas conclusões tradicionais acerca da escravidão, a primeira delas é a de que a escravidão seria benéfica a um “povo” já que ela permitiria uma economia significativa porque não fazia acumular gastos com o pagamento de salários a seus “obreiros”. Torres Homem anota que esta é uma conclusão falsa, e isto porque essa mesma economia seria irrelevante em relação a alguns outros prejuízos mais significativos. Segundo Torres Homem, a escravidão necessitaria de altos investimentos no ato da compra da mão de obra. Esse investimento descapitalizaria os proprietários, tomando a eles os “fundos acumulados”. Já no Norte, os “obreiros” seriam pagos por jornada e os “fundos acumulados” permaneceriam razoáveis, disponíveis a investimentos graduais na construção de “estradas”, de “canais”, em inovações técnicas e na atualização do maquinário, investimentos que aumentariam a produtividade e o lucro do produtor e, por conseguinte, a “pública prosperidade”, e isto em curto e médio prazo⁹. Em última instância, a economia escravocrata trabalharia sobre o que o autor chama de *capital fixo*, o que significa dizer que todo fundo acumulado era investido uma única vez, inviabilizando a manutenção de

⁹ Segundo Torres Homem: “É de observação que uma estrada, um canal fazem medrar a população: simples é a explicação d’este fato: o canal e a estrada diminuindo consideravelmente as despesas do transporte baixam os preços dos produtos, os põem ao alcance de maior número de consumidores, estimulam a produção, aumentam a pública abastança [...]” (TORRES HOMEM, 1978, p. 72).

reservas para aqueles investimentos graduais ou mesmo para situações extraordinárias.

O autor afirma ainda que era “assombrosa” a taxa de mortalidade dos escravos africanos, de 6% a 7% ao ano, o que traria prejuízos significativos aos proprietários, e isto porque eles não contariam com “fundos acumulados” (capital de giro) para comprar novos “obreiros”. Ademais, os proprietários pagavam um seguro de vida pelo escravo, seguro que era “assaz alto” justo em função da alta taxa de mortalidade. E mais, os gastos com as vestimentas, alimentação e “cura das moléstias” eram significativos. O proprietário contraía prejuízos quando o escravo se adoentava, o que acontecia frequentemente afirma Torres Homem, além de também ter perdas em sua produção em função do envelhecimento de parte de sua mão de obra, e cita - “Nada há aqui tão frequente (diz M. de La Rochefoucault, falando de Maryland) como ver-se um proprietário de 50 escravos não poder empregar 30 nos trabalhos da plantação. 10 obreiros livres fariam pelo menos um trabalho igual” (Apud Torres Homem, 1978, p. 67).¹⁰

Há ainda outros inconvenientes a toda economia escravocrata, como a baixa taxa de natalidade em relação aos estados que adotaram a mão de

¹⁰ A argumentação de José Bonifácio contra o tráfico negreiro e a favor da abolição gradual da escravidão no Império do Brasil, escrita mais de uma década antes das *Considerações* de Torres Homem, afirmava algo semelhante, e isto a despeito de Bonifácio não ser citado, uma única vez, em todo o artigo do redator da *Niterói*, senão acompanhemos: “Com efeito, imensos cabedais saem anualmente deste Império para a África, e imensos cabedais se amortizam dentro deste vasto país pela compra de escravos que morrem, adoecem e se inutilizam e demais pouco trabalham. Que luxo inútil de escravatura também nos apresentam nossas vilas e cidades que, sem ele, poderiam limitar-se a poucos e necessários criados?” (ANDRADA E SILVA, 1988, p. 65). E ainda: “A lavoura do Brasil feita por escravos boçais e preguiçosos não dá os lucros com que homens ignorantes e fantásticos se iludem. Se calcularmos o custo atual da aquisição do terreno, os capitais empregados nos escravos que o devem cultivar, o valor dos instrumentos rurais com que devem trabalhar cada um destes escravos, sustento e vestuário, moléstias reais e afetadas e seu curativo, as mortes numerosas, filhas do mau tratamento e da desesperação, as repetidas fugidas aos matos e quilombos, claro fica que o lucro da sua lavoura deve ser mui pequeno no Brasil, ainda apesar da prodigiosa fertilidade de suas terras, como mostra a experiência” (ANDRADA E SILVA, 1988, p. 67).

obra livre. Acompanhemos alguns dados oferecidos pelo autor sobre esse problema específico no Sul dos Estados Unidos:

Em 1790 possuía o Kentucky mais de 61 mil habitantes; Ohio ainda não existia; foi fundado doze anos mais tarde que o Estado de Kentucky. Em 1830 era a população deste último de 522,704 habitantes, entretanto que na mesma época possuía Ohio 937,903, sobrepujando por consequência a Kentucky em 415,199 habitantes (TORRES HOMEM, 1978, p. 68).

Como podemos acompanhar, em 1790 o Kentucky, Estado escravista, possuía 61 mil habitantes e 40 anos depois sua população somava 522,704 habitantes. Já o Ohio, fundado 12 anos após o Kentucky possuía, à mesma época, em 1830, quase que o dobro da população de seu vizinho, aproximadamente 937,903 mil habitantes. A mesma comparação pode ser feita entre a Virgínia e Nova York. A primeira contava, em 1790, com uma população de 454,183 mil habitantes, enquanto Nova York possuía 318,796 mil. Já em 1830, os números são bem diferentes, a Virgínia contava 741,654 mil habitantes e Nova York possuía 1,918,534 habitantes. No caso da Virgínia, o prejuízo era imediato, pois ela passaria a ter menos representantes no Congresso Federal, e isto porque se em 1790 a Virgínia fornecia 19 representantes e Nova York apenas 10, em 1830 a primeira fornecera 21 representantes e Nova York 40, como afirma “tal atraso no aumento dos habitantes desfalca de dia em dia aquela antiga preponderância de Virgínia sobre a Federação, que lhe acareara a glória de ter fornecido a República de quatro Presidentes” (TORRES HOMEM, 1978, p. 68).

Acompanhamos a argumentação de Torres Homem e podemos perceber uma inversão fundamental à história dos Estados Unidos, a saber, a perda da hegemonia política por parte do Sul, em especial por parte do estado da Virgínia e, por outro lado, a conquista da preponderância política do Norte, representado, aqui, pelo estado de Nova York. O que podemos depreender é que esta inversão política seria efeito da adoção da escravidão nos Estados do Sul, que além de ir se tornando economicamente mais frágil,

ia sofrendo a perda imediata da representação política em nível nacional, e isto porque sua população ia se tornando muito menor do que a dos estados do Norte. Mas qual seria a causa mesma, no interior do escravismo, da “diminuição da população” do Sul? E Torres Homem inicia sua explicação: “Para sua solução, esta questão há mister que remontemos às leis gerais que regem o aumento e a diminuição da população” (TORRES HOMEM, 1978, p. 69).

Segundo Torres Homem, seria natural à “raça humana” reproduzir-se “prodigiosamente”, tendência que era dificultada por algumas condições contingentes, pois:

A raça humana encerra em si grande tendência à reprodução e uma prodigiosa força plástica. Metendo em linha de conta os casos de celibato, viuvagem, esterilidade, morte de fetos e outros acidentes, tem-se calculado (termo médio) seis filhos para cada família, como uma possibilidade incontestável e um dado inegável, podendo-se por isso afirmar que se por ventura as circunstâncias exteriores marchassem em harmonia com as disposições físicas do homem, em curto trato de tempo se multiplicaria a população de cada país em 10, 15, 21, ou 25 anos, pouco importa (TORRES HOMEM, 1978, p. 69).

Todavia, cabe insistirmos em nossa pergunta, quais são as causas, ou se quisermos as “resistências exteriores” que dificultariam a natural fertilidade da espécie humana no interior das culturas escravocratas? O autor afirma que são os “limites dos meios de subsistência”. Ou seja, as sociedades escravocratas não seriam capazes de produzir todas as “precisões” necessárias a um aumento populacional significativo. Ou ainda e como já podemos acompanhar, as sociedades escravocratas seriam incapazes de

conquistar um crescimento produtivo e econômico duradouro e equilibrado, fator fundamental à própria decisão de procriar¹¹.

O que está em questão aqui é a “verificação” de que as sociedades escravocratas resistem àquilo que seria natural e fundamental à sobrevivência e ao progresso - “reproduzir-se prodigiosamente”. Ainda em outras palavras, o autor evidencia que essas sociedades são antinaturais e que, por isso, elas são fadadas à decadência. Em linhas gerais, as sociedades escravocratas obedeceriam a uma lógica interna de encolhimento populacional, o que reduziria a quantidade de braços capazes de produzir riquezas. Mais pessoas morreriam do que nasceriam, numa constante que rapidamente atingiria a produção e corroboraria, assim, à tendência de desaceleração do crescimento populacional. Enfim, a sociedade escravocrata seria eficiente o bastante para causar sua própria aniquilação, e isto porque perdia, todos os anos, grande

¹¹ Vale anotar a crítica que Torres Homem faz à teoria malthusiana, afirmando que ela não passa de um “brinco da imaginação”. Segundo o autor, a quantidade de habitantes só aumentaria no interior de uma sociedade que já tivesse condições de sustentar essa nova população, excedente esse que se poria a trabalhar e a produzir ainda mais do que o suficiente, estimulando, assim, a própria tendência humana à multiplicação da espécie. Ver TORRES HOMEM, 1978, p. 70-71.

Em relação ao problema do decréscimo populacional necessário a todas as sociedades escravocratas, Burlamaque, defensor da abolição gradual da escravatura e próximo a Torres Homem quer em relação às suas leituras, quer em relação aos seus argumentos, tem uma opinião um tanto distinta, acompanhemos: “Nos estados em que a escravidão doméstica não é admitida, o temor de cair em miséria excessiva é um obstáculo ao crescimento da população em desproporção com os meios de existência. A maior parte dos criados de servir e mesmo a maior parte dos obreiros condenam-se voluntariamente ao celibato, porque não teriam meios de sustentar uma família. Mas quando estes obreiros e domésticos são propriedades dos senhores e não temem que os despeçam se têm filhos, a seus senhores competem as despesas da criação, a sua sustentação e a de suas famílias [...]”. (BURLAMAQUE, 1988, p. 160).

O que nos parece interessante ressaltar a partir desta discordância é que ambos os argumentos são utilizados a favor de um mesmo objetivo, o de comprovar os prejuízos provocados pela escravidão. Segundo Torres Homem, a diminuição da população, necessária a todas as sociedades escravocratas, afetaria diretamente a “indústria”, prejudicando-a no que se refere à falta de braços para a agricultura, para o comércio e para a manufatura. Para Burlamaque, a sociedade escravocrata estimularia as taxas de natalidade, o que seria prejudicial à economia porque aumentaria os gastos dos proprietários com os filhos de seus escravos, inviabilizando, assim, investimentos significativos na produção.

quantidade de mão de obra escrava e ia se tornando incapaz de substituí-la quer por mais escravos, o que era muito oneroso, quer pelo emprego de mão de obra livre e assalariada, uma vez que não havia população suficiente e também porque os homens livres não se interessariam mais pelo trabalho manual, tarefa que seria própria aos escravos. No entanto, Torres Homem adverte que o crescimento produtivo e econômico duradouro e consistente não era o único fator que provocaria a confiança necessária à procriação e ao aumento demográfico, junto a isto seria necessário uma espécie de distribuição de renda, fator que o autor anota em *itálico*, senão vejamos:

Quanto maior for a abundância da prosperidade material, e melhor regulada *a sua distribuição*, tanto maior será o desenvolvimento numérico da população: o fim se proporcionará exatamente aos meios (TORRES HOMEM, 1978, p. 72).

A hipótese de Torres Homem é a de que não bastaria que um “povo” desenvolvesse sua “indústria” e com isso alcançasse êxitos consideráveis em seu setor produtivo, para que assistisse, assim, ao crescimento da taxa de natalidade e conquistasse, então, um progresso material duradouro. Seria fundamental, escreve o Romântico, que todos trabalhassem e conquistassem sua própria riqueza. Todos os indivíduos numa sociedade deveriam trabalhar, é isto mesmo que garantiria uma “distribuição” natural da riqueza, sem que o Estado precisasse intervir. Aí sim, numa sociedade na qual todos compartilhassem, em alguma medida, do progresso material, todos teriam segurança suficiente para constituir famílias numerosas, ou seja, a economia conquistaria um crescimento estrutural e se instalaria uma atmosfera de satisfação capaz de estimular os homens e mulheres a procriar, o que provocaria, por conseguinte, o aumento demográfico.

Mas entre o rigoroso necessário para viver e o necessário para viver comodamente e manter uma família, medeia amplo intervalo ocupado por uma numerosa classe social, a quem a previdência e a moralidade impõem a

necessidade de coação: oscilando entre as tendências naturais e as previsões racionais, mas compreendendo ao mesmo tempo as condições do casamento, ela acaba por resignar-se ao celibato. Em um país onde a produção anda restringida a estreitas dimensões, onde não são fáceis os meios de vida, o número de indivíduos condenados a renunciar aos prazeres do casamento e a mostrar-se avaros de filhos é incomparavelmente maior do que n'aquela outro país, que por sua indústria e riqueza distribui a cada habitante um mais largo quinhão de prosperidade (TORRES HOMEM, 1978, p. 73).

De acordo com a análise de Torres Homem, a escravidão e o modo de ser escravocrata acabavam instaurando uma série de limites ao progresso moral e material, limites que determinariam, de maneira necessária, a decadência social, e isto mesmo que em certa altura determinado “povo” se encontrasse sinceramente arrependido de tê-la adotado. Além do desgaste do solo, da falta de homens para as atividades produtivas, da mentalidade coletiva que compreendia tais atividades como impróprias, e mais, dos homens e mulheres serem despreparos para produzir e instaurar inovações técnicas capazes de incrementar a produção, as culturas escravocratas seriam marcadas pela concentração das riquezas, o que geraria algumas consequências negativas à assunção de um progresso material duradouro e consistente, a saber: 1- não haveria estímulo para a procriação; 2- não haveria possibilidade de se conformar um mercado interno vigoroso e 3- os homens e mulheres pobres se revoltariam e causariam distúrbios e rebeliões. Em verdade, a riqueza que muitos propalaram em relação ao Sul dos Estados Unidos e mesmo em relação ao Império do Brasil, não passaria de um estado provisório e inconsistente.

Segundo Torres Homem, esse mesmo desleixo do proprietário sulista em relação ao incremento de técnicas e de maquinário adequados à lida com a natureza, tornara o Sul incapaz de concretizar algumas atividades fundamentais, incapaz, inclusive, de construir suas próprias habitações. Suas habitações eram construídas a partir da madeira, matéria prima abundante no Sul, no entanto, faltava aos seus escravos a técnica e o maquinário

necessários à sua extração, ao seu transporte e, por fim, à própria construção. Ao fim, o Sul importava ao Norte seus “obreiros” qualificados, e com isso despendia valores significativos que iam enriquecer o mercado interno dos Estados “industriosos”, e isto quando não importavam a própria madeira ou ainda as casas prontas. E os trabalhadores do Norte ainda cobravam alto por sua jornada, pois além do trabalho e do deslocamento, tinham de suportar o preconceito que sofriam em função de se dedicar às “artes mecânicas”.

As florestas são mais numerosas, mais vastas e densas no Sul, que no Norte; as madeiras de construção deveriam pelo tanto ser um artigo mais comum na primeira do que na segunda parte [...] Pois bem; é precisamente o oposto. Ora o Sul por falta de indústria em vez de abrir canais e estradas no interior de suas regiões, dá aos capitais um outro destino, e por isso não nos devemos maravilhar se do Norte importa ele aquilo mesmo que em suas florestas superabunda. E como não possa, diz M. Michaux, importar de New-York e de Filadélfia casas já feitas e prontas, manda vir destes Estados com grande dispêndio os obreiros livres, de que há mister, visto que a escravatura é incapaz do exercício das artes mecânicas. Aos obreiros livres são os habitantes obrigados a pagar não só o dia do trabalho, como também um prêmio de indenização pelo desprezo a que se resignam, trabalhando na terra dos escravos e demais disso as custas da ida e *volta*, pois que uma vez a obra ultimada os obreiros dão-se pressa a abandonar o Sul, para volver às regiões não funestas à indústria (TORRES HOMEM, 1978, p. 58-59).

Outro problema enfrentado pelos estados do Sul era o da alimentação, senão vejamos:

As substâncias alimentares são no sul demasiadamente caras em relação ao Norte, onde a cultura tem feito infinitamente mais progressos. As terras do primeiro tem menos valor que as do segundo; a diferença é quase de metade. Bem simples são as razões desse fato. Primeiramente, duas circunstâncias limitam a extensão de

todo o mercado; de um lado a quantidade de consumidores dos produtos, de outro lado a soma dos meios para pagá-los. O total dos produtos, que o trabalho cria anualmente e traz ao mercado de uma sociedade deve ser comprado com a renda coletiva dessa sociedade, de modo que quando a renda é limitada a massa total do produto social não pode aumentar (TORRES HOMEM, 1978, p. 59).

Vamos acompanhando os problemas provocados no Sul pela escravidão, ou melhor, em qualquer economia escravocrata, inclusive no Império do Brasil, segundo Torres Homem. Além de não serem capazes de construir suas próprias casas, de extrair a madeira necessária a tal empreitada e de terem de contratar, a altos custos, “obreiros” do Norte, os escravos e os proprietários do Sul iam testemunhando, por conseguinte, uma redução paulatina e significativa na própria produção de “substâncias alimentares” fundamentais à sua dieta, o que causava, necessariamente, carestia e inflação. No sul, os escravos iam enfrentando a natureza de forma imediata, o que os precipitava em derrotas recorrentes e necessárias e mais, eles acabavam destruindo o solo em função da repetição de técnicas inadequadas. Segundo Torres Homem, o Sul ia somando graves problemas, isto é, além da redução da produção e do estiolamento do solo, seus Estados não contavam com um mercado interno vigoroso, o que redundava na falta de demanda e na conseqüente diminuição da produção. Em verdade, o processo de “pauperismo”, provocado, inicialmente, pela concentração das riquezas e pela diminuição, necessária, da produção, ia provocando carestia e reduzindo a capacidade de compra do já acanhado mercado interno, o que reduzia, por sua vez, ainda mais, a produção, e, por conseguinte, o lucro, causando inflação.

Torres Homem afirma que a “renda coletiva” no Sul tornara-se incapaz de consumir os produtos que o trabalho criava anualmente, o que impediria, necessariamente, o aumento da “massa total do produto social”. Ou seja, por mais que, em determinadas conjunturas, o Sul contasse com uma mão de obra escrava numerosa e com um índice produtivo significativo,

não havia mercado consumidor capaz de absorver boa parte do que era produzido, fator que causava, necessariamente, uma crise na produção e o aumento constante no preço dos produtos agrícolas, o que significa inflação. Ao fim, toda a riqueza que já era cada vez menor acabava nas mãos de alguns poucos proprietários e, cada vez mais, nas mãos de banqueiros internacionais, graças à necessidade dos proprietários de contrair grandes somas de capital para a compra de escravos, de modo que no Sul a “renda coletiva” era limitadíssima, ou seja, as riquezas iam se escasseando e se concentrando em poucas mãos. A “massa total do produto social”, o que significa o total da produção de riquezas distribuídas entre os indivíduos capazes de provocar “permutas” e de, por conseguinte, animar a produção agrícola, não poderia aumentar no interior de uma sociedade escravocrata, e isto em função de quatro motivos radicais, a saber: 1- os próprios escravos, 55% da população no Sul, não recebiam salários que os possibilitasse comprar produtos agrícolas, sobrevivendo a partir de um mínimo fornecido pelos senhores; 2- boa parte da população livre não se dedicava à produção de riquezas, ou ainda, à agricultura e à pecuária, ao comércio e à manufatura, porque consideravam tais atividades indignas, tornando-se funcionários públicos; 3- os funcionários públicos recebiam seus salários do Estado, e este, por conseguinte, colhia suas riquezas junto aos proprietários de terra, aos comerciantes e aos manufatureiros, através de impostos cada vez maiores e 4- os funcionários públicos imobilizavam parte considerável de seus ganhos na aquisição de produtos de luxo e em atividades consideradas nobres como a “caça”. O que pode ser confirmado a partir da leitura da próxima passagem.

Ora o Sul para o consumo dos seus produtos agrícolas não contem, como o Norte, uma população industrial, sendo a sua composta em grande parte de escravos; e como a escravatura produz por produzir sem realizar benefício algum do seu trabalho, como forma uma massa miserável de consumidores destituídos de toda a posse de produtos para efetuar permutações, como consome o rigoroso necessário unicamente para não desfalecer de fome, à semelhança de uma máquina, de uma espécie de

tread-mill, que obra sem fim intencional e absorve a quantidade de óleo e outros socorros necessários à sua ação, porque a marcha se lhe não interrompa; daí resulta que o valor das terras e o proveito do serviço dos capitais empregados na sua exploração são menores no Sul que no Norte, onde a riqueza é distribuída por todas as classes, por todos os indivíduos em relação à sua capacidade produtora e à energia de seus esforços, e onde por consequência mais abundam os produtos destinados a ser permutados pelos da indústria agrícola (TORRES HOMEM, 1978, p. 59-60).

O que está em jogo aqui é o principal da economia política de Torres Homem. Uma compreensão que apostava na necessidade de os produtores serem livres e proprietários de seus meios de produção, produzindo de acordo com suas próprias necessidades e potencialidades. Segundo o autor, cada indivíduo produtor além de alcançar a satisfação e a felicidade, criaria riqueza suficiente para realizar “permutas”, possibilitando, a um só tempo, a riqueza do todo e das partes, da sociedade e dos indivíduos. Ao fim, todos produziriam cada vez mais e forjariam um mercado consumidor interno vigoroso, condição *sine qua non* à constituição de um progresso moral e material duradouro e consistente. Segundo Torres Homem, o mais próprio ao homem seria a necessidade de ter de trabalhar, de produzir riquezas a partir da natureza, e isto através da agricultura e da pecuária, do comércio e da manufatura. Ao trabalhar, o homem se realizaria alcançando a alegria necessária à insistência em uma vida em origem árdua, justificando a incumbência divina e provocando, necessariamente, a realização de toda a sociedade¹², ou ainda:

O obreiro do Norte é seu próprio fim, tem uma personalidade, resultado de sua inteligência e moralidade;

¹² Aqui, Torres Homem dialoga, uma vez mais, com Tocqueville. Sobre a relação necessária e, a um só tempo, orientada pela razão humana, entre os interesses individuais e os interesses comuns, ver TOCQUEVILLE, 2000, p. 147 et. seq. Ver, ainda, JASMIN, 2000, p. 79 et. seq. e OLIVEIRA, 2012.

ele não produz por produzir, e porém sim para viver, para arredar a miséria de si e de sua família, para melhorar o seu destino, para gozar, para desenvolver-se, para representar o papel que nesta curta viagem do homem pelo globo a Providência marcou a cada individuo (TORRES HOMEM, 1978, p. 61).

Referências

- ANDRADA E SILVA. Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura. In: *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional: Brasília; Fundação Petrônio, 1988.
- ARAÚJO, V. L. de. *A Experiência do Tempo*. Conceitos e Narrativa na Formação Nacional Brasileira (1813 – 1845). São Paulo: Hucitec, 2008.
- _____. Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c.1820. In: CARVALHO, José M. & CAMPOS, Adriana. P. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2011.
- BARRETO, D. A. B. M. Memória sobre a abolição do comércio da escravatura. In: *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional: Brasília; Fundação Petrônio, 1988.
- BURLAMAQUE, F. L. C. Memória analítica acerca do comércio de escravos e acerca dos males da escravidão doméstica. In: *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional: Brasília; Fundação Petrônio, 1988.
- CARVALHO, J. M. de. (org.). *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- COSTA, J. S. M. da. Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer e sobre os meios de remediar a falta de braços

que ela pode ocasionar. In: *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional: Brasília; Fundação Petrônio, 1988.

GUMBRECHT, Hans U. Reading for the Stimmung? About the Ontology of Literature Today. In: *Boundary*, 2, v. 35, n. 3, 2008.

_____. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, v. 11, n. 21, jul.-dez, 2010.

_____. JASMIN, M. G. Interesse bem compreendido e virtude em a Democracia na América. In: BIGNOTTO, N. (org.). *Pensar a República*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MATTOS, I. R. de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 2004.

_____. Transmigrar – Nove Notas a Propósito do Império do Brasil. In: PAMPLONA, M. A.; STUVEN, A. M. (org.). *Estado e nação no Brasil e no Chile ao longo do Século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Vitor Castro de. *Soberania em tempos democráticos*: François Guizot e Alexis de Tocqueville. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói*. Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.

STAËL, Mme. de. Da literatura. In: LOBO, L. (org.). *Teorias Poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

TOCQUEVILLE, A. de. *A Democracia na América*. Sentimentos e Opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TORRES HOMEM, F. de S. Considerações Econômicas sobre a Escravatura. In: *Niterói, Revista Brasiliense*. Tomo Primeiro, nº. 1. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978 [1836].

- _____. Colonização. *Minerva Brasiliense*. Tomo 2º, nº 15, págs. 448-449.
In: BARRETO, F.; LAET, C. de, (orgs.). *Antologia Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1941.
- VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Edição de Raymond Naves. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.
- _____. *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII*. Edição de René Pomeau. 2 v. Paris: Garnier Frères, 1963.